

SIMON SEBAG MONTEFIORE

Catarina, a Grande, & Potemkin

Uma história de amor na corte Románov

Tradução

Berilo Vargas



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2000, 2016 by Simon Sebag Montefiore
Publicado pela primeira vez pela Weidenfeld & Nicolson, Londres, em 2000

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Catherine the Great & Potemkin: The Imperial Love Affair

Capa

Kiko Farkas e Felipe Sabatini/ Máquina Estúdio

Fotos de capa

Acima: *Retrato de Catarina II* (1729-1796), óleo sobre tela de Fedor Stepanovich Rokotov (c. 1735-1808), séc. XVIII, State Hermitage Museum, São Petersburgo, Rússia Bridgeman/ Fotoarena

Abaixo: *Grigóri Potiômkin* (1739-1791), de Johann Baptist von Lampi (1751-1830), Museu Suvóvov, São Petersburgo

Preparação

Alexandre Boide

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Ana Maria Barbosa

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montefiore, Simon Sebag

Catarina, a Grande, & Potemkin : uma história de amor na corte Románov/ Simon Sebag Montefiore ; tradução Berilo Vargas. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Título original : Catherine The Great & Potemkin : The Imperial Love Affair.

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-3101-3

1. Catarina II, Imperatriz da Rússia, 1729-1796 2. Gerais – Rússia – Biografia 3. Homens de Estado – Rússia – Biografia 4. Rússia – História – Catarina II, 1729-1796 5. Potemkin, Grigória Alexandrovich, 1739-1791 I. Título.

18-13848

CDD-947.06

Índice para catálogo sistemático:

1. Catarina II, Imperatriz da Rússia : Biografia

947.06

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

<i>Lista de personagens</i>	9
<i>Árvores genealógicas</i>	13
<i>Mapas</i>	17
<i>Prefácio à nova edição</i>	19
<i>Agradecimentos</i>	24
<i>Nota preliminar</i>	29
 Prólogo: Morte nas estepes	 31
 PARTE UM: POTEMKIN E CATARINA — 1739-62	
1. O menino provinciano	47
2. O homem da Guarda e a grã-duquesa: O golpe de Catarina	71
3. Primeiro encontro: O temerário pretendente da imperatriz	92
 PARTE DOIS: MAIS PERTO — 1762-74	
4. Ciclope	113
5. O herói de guerra	127
6. O mais feliz dos homens	151

PARTE TRÊS: JUNTOS — 1774-6

7. Amor.	169
8. Poder.	185
9. Casamento: Madame Potemkin.	203
10. Sofrimento e compreensão.	223

PARTE QUATRO: A PARCERIA APAIXONADA — 1776-7

11. Os favoritos dela.	241
12. As sobrinhas dele.	264
13. Duquesas, diplomatas e charlatães.	278

PARTE CINCO: O COLOSSO — 1777-83

14. Bizâncio.	303
15. O sacro imperador romano.	316
16. Três casamentos e uma coroa.	333
17. O paraíso de Potemkin: A Crimeia.	342

PARTE SEIS: O CO-TSAR — 1784-6

18. Imperador do sul.	365
19. Negros britânicos e guerreiros tchetchenos.	394
20. Anglomania: Os Bentham na Rússia e o imperador de jardins.	407
21. O Negro Branco.	430
22. Um dia na vida de Grigóri Alexándrovitch.	451

PARTE SETE: O APOGEU 1787-90

23. O teatro mágico.	479
24. Cleópatra.	495
25. As amazonas.	512
26. Cossacos judeus e almirantes americanos: A guerra de Potemkin.	528
27. Grito de destruição: O assalto a Ochakov.	549
28. Meus êxitos são seus.	566
29. O delicioso e o cruel: Sardanápalo.	583
30. Um mar de carnificina: Izmail.	607

PARTE OITO: A ÚLTIMA DANÇA — 1791

31. A Bela Grega.	619
32. Carnaval e crise	629
33. A última viagem.	646
 Epílogo: Vida após a morte.	 655
 <i>Notas</i>	 675
<i>Bibliografia selecionada</i>	763
<i>Créditos das imagens</i>	785
<i>Índice remissivo</i>	789

Lista de personagens

Príncipe Grigóri Potemkin de Táurida, marido secreto de Catarina II, estadista, militar

Catarina II, a Grande, nascida princesa Sophie de Zerbst, imperatriz da Rússia de 1762 a 1796

Abdul-Hamid I, sultão otomano de 1774 a 1788

Jeremy Bentham, filósofo inglês e fundador do utilitarismo

Samuel Bentham, irmão de Jeremy, oficial da Marinha, construtor naval

Alexandre Bezboródko, secretário de Catarina, depois ministro do Exterior

Ksawery Branicki, cortesão polonês casado com Alexandra Engelhardt, sobrinha de Potemkin

Alexandra Branicka, sobrinha favorita de Potemkin, *née* Engelhardt, casada com Ksawery

Alexei Bóbrinski, filho natural de Catarina e Grigóri Orlov

Praskóvia Bruce, confidente de Catarina, supostamente selecionadora de favoritos

Conde Cagliostro, charlatão italiano

Zakhar Tchernichov, admirador de Catarina, cortesão, ministro da Guerra, aliado dos Orlov

Ivan Tchernichov, irmão de Zakhar, cortesão, ministro da Marinha

Conde Louis Cobenzl, embaixador austríaco em Petersburgo

Elisabeth, condessa de Craven, aventureira aristocrática inglesa, viajante, escritora

Conde de Damas, aristocrata francês e oficial do exército de Potemkin

Iekaterina Dáchkova, *née* Vorontsova, conspiradora e defensora de Catarina

Iekaterina Dolgorúkaia, mulher de oficial russo, amante de Potemkin

Isabel, filha de Pedro, o Grande, imperatriz de 1741 a 1761

Mikhail Faléiev, empresário, oficial de intendência, comerciante, construtor de Nikoláiev

Frederico II, o Grande, rei da Prússia de 1740 a 1786

Frederico Guilherme, sobrinho de Frederico, o Grande, rei da Prússia de 1786 a 1797

Mikhail Garnovski, acompanhante da duquesa de Kingston, *homme d'affaires* de Potemkin

Varvara Golítsina, *née* Engelhardt, sobrinha de Potemkin que casou com o príncipe Serguei Golítsin

Praskóvia Golítsina, casada com o príncipe Mikhail Golítsin, última amante de Potemkin

William Gould, jardineiro inglês de Potemkin

Sir James Harris, embaixador britânico em Petersburgo, posteriormente conde de Malmesbury

Henrique da Prússia, irmão mais novo de Frederico, o Grande

John Paul Jones, lendário almirante americano tido como fundador da Marinha dos Estados Unidos

José II, imperador sacro romano, ou Kaiser, de 1765 a 1790, cogovernante e em seguida governante dos territórios dos Habsburgo de 1780 a 1790

Alexandre Khrapovítski, autor de diário e secretário de Catarina

Elisabeth, duquesa de Kinston, condessa de Bristol, aventureira e bígama inglesa

Alexandre Lanskoi, favorito de Catarina de 1779 a 1784

Leopoldo, imperador sacro romano, irmão de José II e seu sucessor de 1790 a 1792

Príncipe de Ligne, aristocrata europeu, cortesão austríaco e marechal de campo

Lewis Littlepage, norte-americano da Virgínia, cortesão polonês e oficial da flotilha de Potemkin

Alexandre (Dmítriev-)Mamónov, favorito de Catarina de 1786 a 1789

Maria Teresa, rainha-imperatriz, governante dos territórios dos Habsburgo de 1740 a 1780, mãe de José

Francisco de Miranda, revolucionário sul-americano, mais tarde ditador da Venezuela

Príncipe de Nassau-Siegen, aristocrata europeu e soldado mercenário

Grigóri Orlov, chefe do golpe de Catarina e seu favorito de 1761 a 1772

Alexei Orlov-Tchémsenski, “Cicatriz”, assassino de Pedro III e vencedor da Batalha de Chesme, irmão de Grigóri

Nikita Pánin, tutor do grão-duque Paulo, depois ministro do Exterior de Catarina

Pedro Pánin, irmão de Nikita, general e subjugador de Pugatchov

Grão-duque Paulo, filho de Catarina e Pedro III, imperador de 1796 a 1801, assassinado

Pedro III, sobrinho da imperatriz Isabel; marido de Catarina II, imperador de 1761 a 1762

Reginald Pole Carew, gentleman e viajante inglês, amigo de Potemkin, posteriormente membro do Parlamento

Stanisław Poniatowski, segundo amante de Catarina, posteriormente Estanislau Augusto, último rei da Polônia

Vassíli Pópov, chefe da chancelaria de Potemkin

Pável Potemkin, primo do príncipe, general e vice-rei do Cáucaso

Praskóvia Potemkina, mulher de Pável e amante do príncipe

Iemelian Pugatchov, pretendente ao trono, cossaco, líder da rebelião camponesa de 1773 a 1774

Alexei Razumóvski, corista cossaco que se tornou favorito de Isabel

Kiril Razumóvski, irmão de Alexei, hetmã da Ucrânia até 1764, cortesão

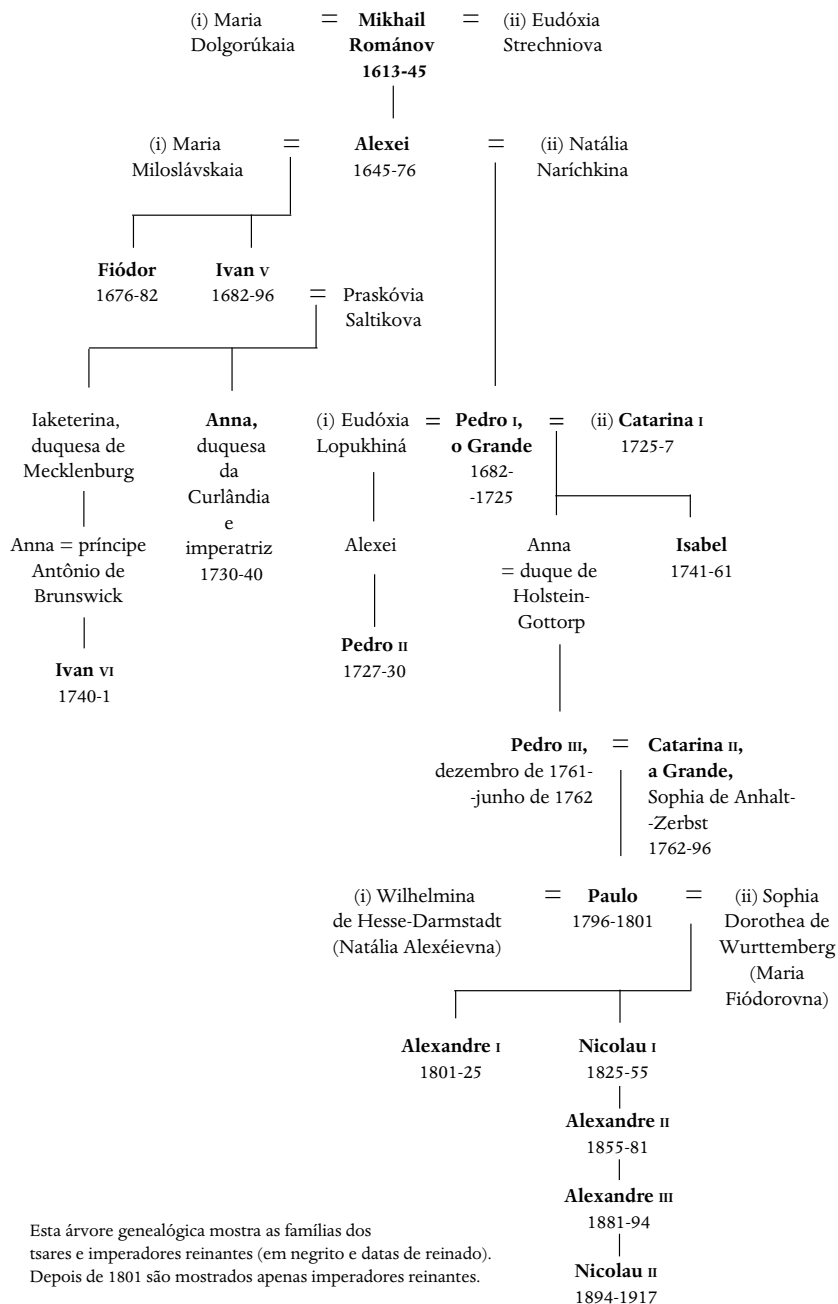
José (Óssip) de Ribas, aventureiro napolitano, amigo e almirante de Potemkin

Duc de Richelieu, oficial do exército de Potemkin, depois construtor de Odessa, primeiro-ministro da França

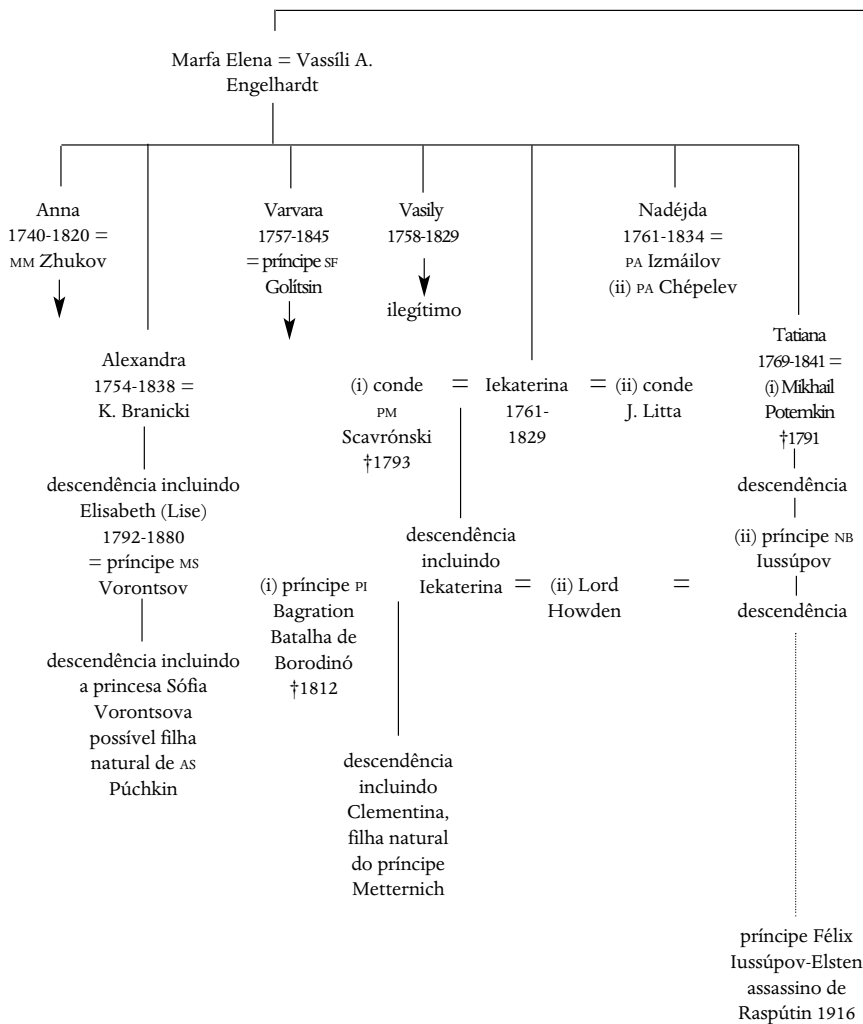
Ivan Rímski-Kórsakov, favorito de Catarina de 1778 a 1779

Pedro Rumiántsev-Zadunáiski, herói militar da Primeira Guerra Turca
 Serguei Saltikov, primeiro amante de Catarina
 Alexandre Samóilov, sobrinho de Potemkin e general, depois procurador-geral
 Iekaterina Samóilova, mulher de Alexandre e provavelmente amante de Potemkin
 Conde de Ségur, embaixador francês na Rússia
 Selim III, sultão otomano de 1788 a 1807
 Major James George Semple, trapaceiro inglês — “Príncipe dos Vigaristas”
 Shagin Giray, aliado dos russos, descendente de Gêngis Khan, e último cã da Crimeia
 Stepan Chechkóvski, agente da polícia secreta — o “homem do cnute”
 Ivan Chuválov, favorito da imperatriz Isabel que convidou Potemkin para Petersburgo
 Iekaterina Scavrónskaia, “anjo” e “gatinha”, *née* Engelhardt, sobrinha de Potemkin
 Alexandre Suvórov, herói militar, general favorito de Potemkin
 Alexandre Vassíltchikov, favorito de Catarina de 1772 a 1774, apelidado de “Sopa Gelada”
 Alexandre Viázemski, administrador de assuntos internos, procurador-geral
 Semion Vorontsov, embaixador russo em Londres
 Alexandre Vorontsov, irmão de Semion, ministro do Comércio
 Sophie de Witte, escrava, cortesã, amante de Potemkin, depois condessa Potocka
 Alexandre Iermólov, favorito de Catarina em 1786
 Tatiana Iussúpova, *née* Engelhardt, casada com Mikhail Potemkin, então príncipe Iussúpov
 Alexandre Zavadóvski, favorito de Catarina de 1776 a 1777, cortesão, ministro
 Joshua Zeitlin, comerciante judeu, estudioso rabínico, amigo de Potemkin
 Semion Zóritch, favorito de Catarina de 1777 a 1778, fundador da escola militar
 Platon Zúbov, último favorito de Catarina, de 1786 a 1796

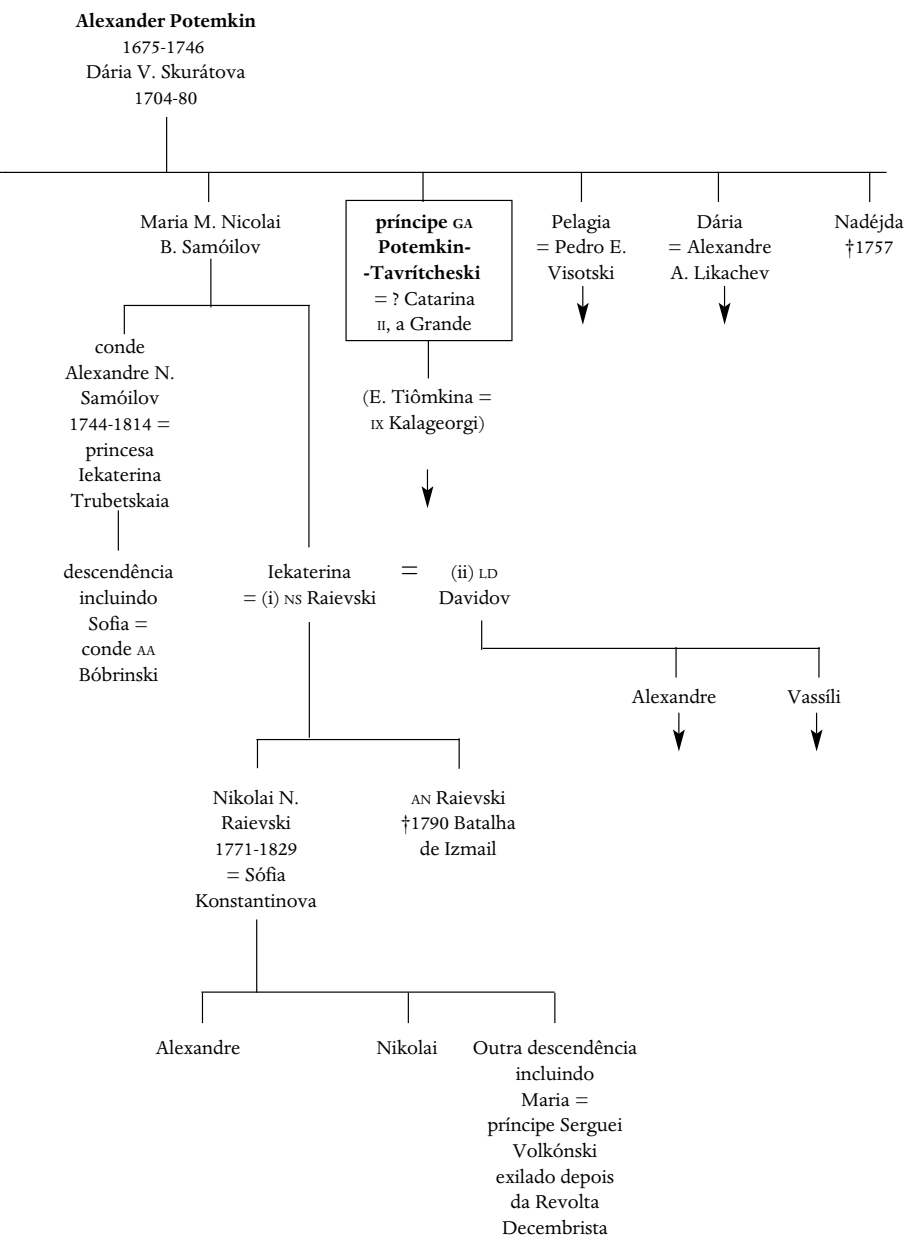
Tsares e imperadores reinantes da Rússia — Os Románov



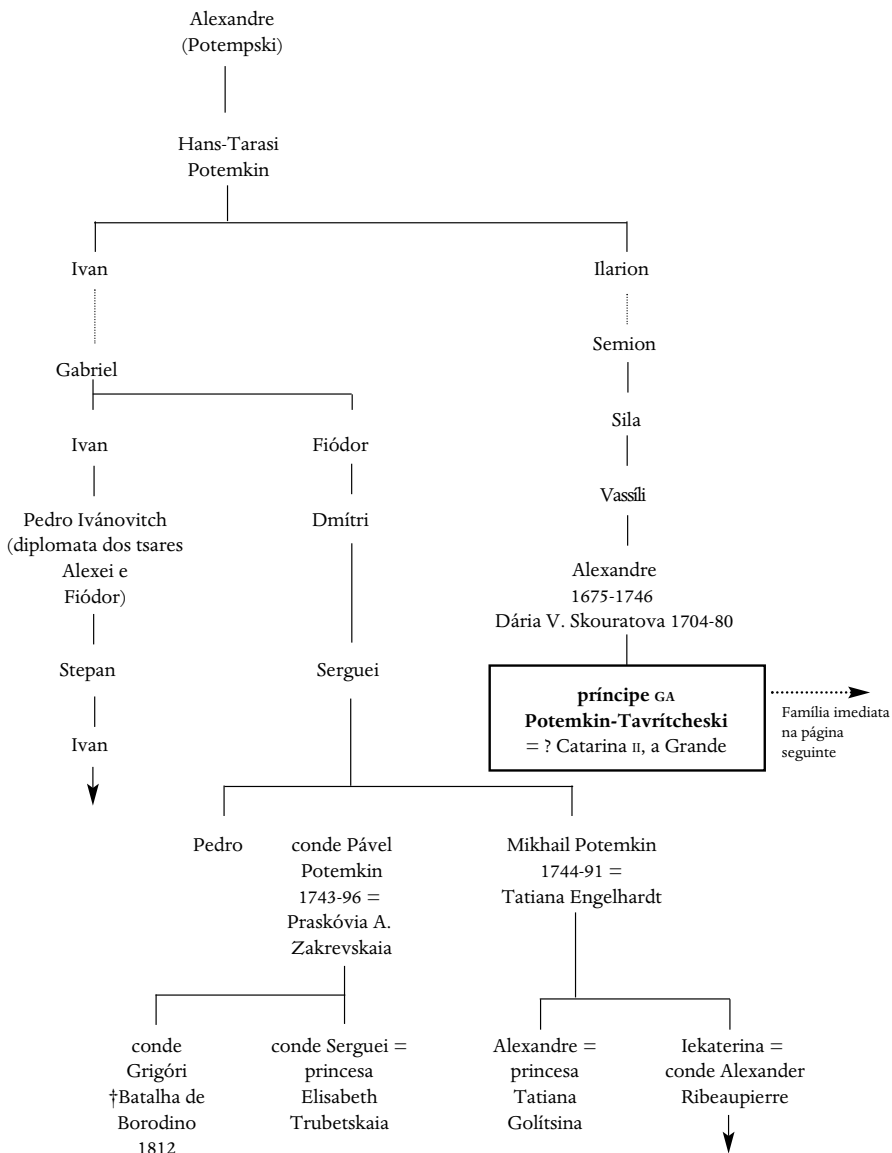
Família imediata do príncipe Potemkin, incluindo
sobrinhos e sobrinhas favoritos



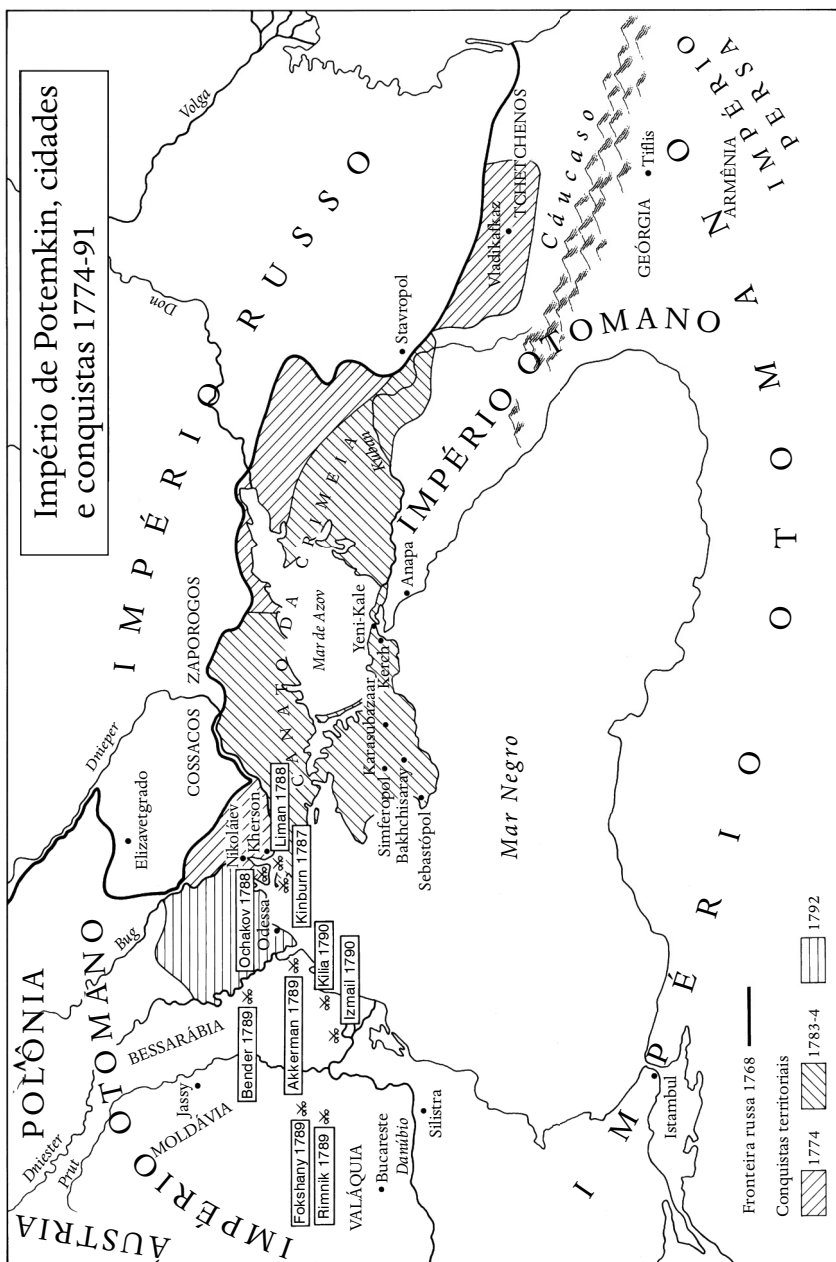
Esta árvore genealógica mostra os principais personagens apresentados
no livro e não pretende ser exaustiva.
= casado(a) com † morto(a)

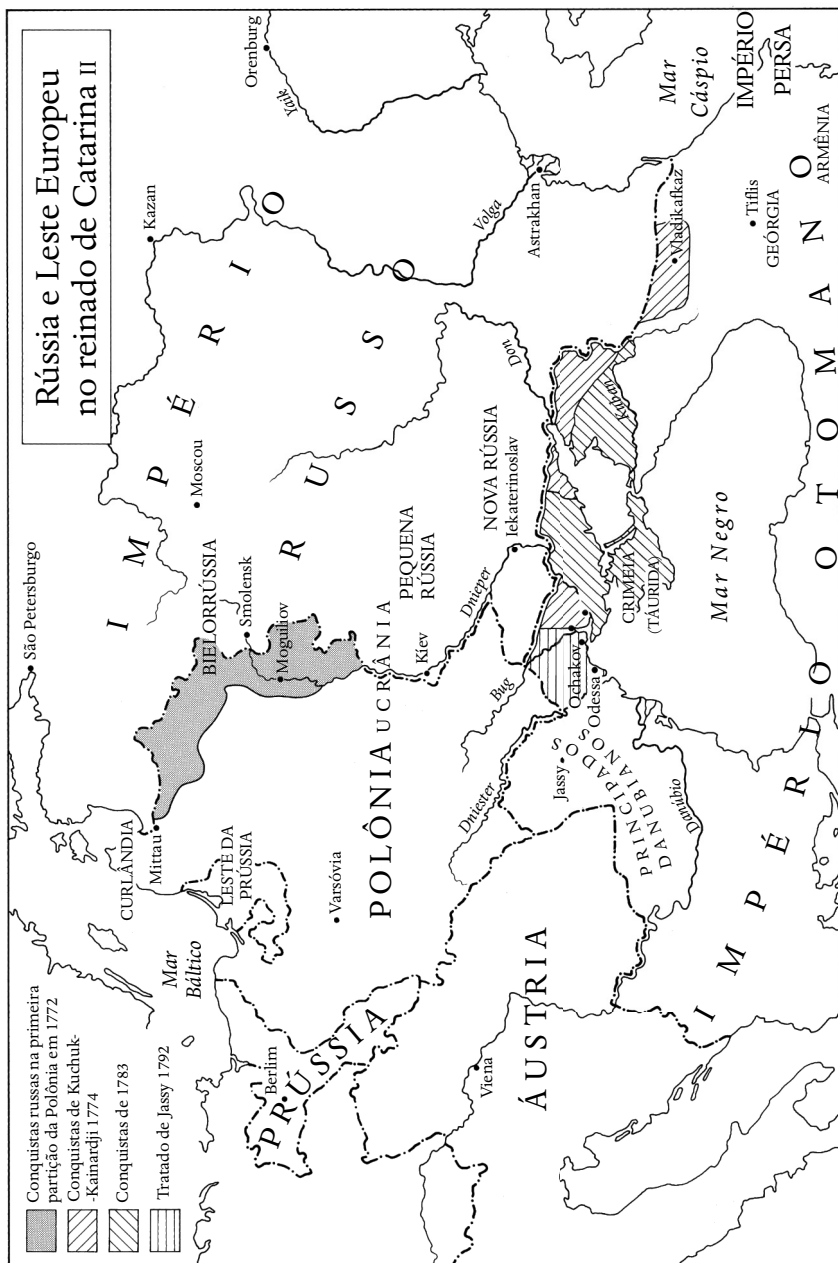


A família estendida do príncipe Potemkin



Esta árvore genealógica mostra os principais personagens apresentados no livro e não pretende ser exaustiva
= casado(a) com † morto(a)





Prefácio à nova edição

Durante dois séculos, Catarina, a Grande, e Potemkin foram relegados aos becos libidinosos, românticos e até mesmo escusos da história, escarnecidos como obcecados por sexo e poder, ou como ridiculamente ineptos. Mais recentemente, porém, foram reabilitados como estadistas e, agora no século XXI, voltaram ao centro da encruzilhada onde a história se encontra com o noticiário político.

Sem câmeras ou testemunhas oculares, os historiadores não têm como saber o que acontece a portas fechadas, em quartos de dormir e gabinetes de trabalho — a não ser que os protagonistas se comuniquem com franqueza em sua correspondência. Catarina e Potemkin escreveram milhares de cartas assim, sobre amor e poder; sabemos como os dois falavam e pensavam, e sabemos também da excepcional intensidade da sua paixão. Sabemos mais a respeito deles do que de muitos políticos de hoje, na era digital. “É possível amar outra pessoa depois de tê-lo conhecido?”, escreveu Catarina. “Não existe no mundo homem nenhum que se compare a você [...]. Oh, Monsieur Potemkin! Que truque você usou para perturbar uma cabeça que já foi uma das melhores da Europa?” O estilo de vida escandalosamente libertino dos dois, bem como seus exuberantes triunfos políticos, com certeza excitavam os críticos ocidentais dos êxitos e excessos russos —

“Este aqui é Potemkin”, escreveu Byron, “figurão do tempo em que o homicídio e a prostituição faziam sucesso” —, enquanto os jornais britânicos propagavam histórias da ninfomania de Catarina e das supostas aldeias inventadas por Potemkin. Mas quem realmente conhecia Catarina e Potemkin os considerava incomparáveis, brilhantes, ambiciosos e complementares em seus talentos: “não admira que se amem”, escreveu uma dessas pessoas, “são exatamente iguais”. Catarina foi provavelmente a maior governante do sexo feminino dos tempos modernos. Para o príncipe de Ligne, Potemkin foi “o homem mais extraordinário que conheci [...]. Gênio, gênio e mais gênio”. Juntos, eles se viam como estadistas patrióticos a serviço da Rússia — coroa, nação e Estado. Eram políticos superlativos e visionários cheios de ideias, que confiavam um no outro e admiravam um ao outro, porque, acima de tudo, eram parceiros pessoais.

Apesar disso, eram também realistas convictos. Potemkin definiu assim a arte da política: “aperfeiçoar os acontecimentos”. E fizeram mais do que isso. Sua missão foi expandir o império rumo às regiões meridionais da Ucrânia, por eles apelidadas de “Nova Rússia”. Anexaram faixas desse território (1774, 1775 e 1791) e a Crimeia (1783), onde fundaram a Frota do Mar Negro e a nova base naval de Sebastópolis. Construíram muitas cidades, incluindo Odessa, além de avançarem para o Cáucaso, estabelecendo um protetorado na Geórgia (1783). Suas aspirações englobavam o Oriente Médio; ali Catarina apoiou autocratas árabes locais nas províncias otomanas onde hoje ficam Síria e Líbano, e ocupou temporariamente Beirute em 1772-4. Nos anos 1780, planejaram invasões do Irã (então Pérsia) e, para respaldar os armênios, investidas até a Turquia e o Iraque atuais, pertencentes ao Império Otomano. As colossais realizações de Catarina e Potemkin no sul equivalem às de Pedro, o Grande, no norte. Eles alteraram o equilíbrio de poder na Europa, fazendo da Rússia um império com novos interesses no Oriente Próximo e no Mediterrâneo. Com a colonização da Nova Rússia e a anexação da Crimeia, mudaram o centro de gravidade político da Rússia e a visão que a nação tinha de si mesma como potência imperial. Trata-se de uma perspectiva que sobreviveu à queda da dinastia Románov.

Depois do caos de 1917 e da guerra civil, Lênin e Stálin conseguiram astutamente preservar a maior parte do império dos Románov (perdendo apenas a Polônia, a Finlândia e os Países Bálticos), criando a fachada de uma União Soviética constituída voluntariamente de quinze repúblicas. Stálin não tinha muita paciên-

cia com a extravagância pouco respeitável de Catarina e Potemkin, preferindo guiar-se por modelos mais austeros e machões, como Pedro, o Grande, mas admirava a habilidade política da dupla: “o gênio de Catarina”, segundo ele, “foi escolher o príncipe Potemkin [...] para governar o Estado”. No entanto, quando a URSS desmoronou em 1991, a Rússia perdeu todas as repúblicas, incluindo a mais importante, a Ucrânia.

Quando da publicação deste livro pela primeira vez, em 2000, exatamente no momento em que Vladímir Pútín, dinâmico e implacável ex-agente da KGB, elegeu-se presidente, foi uma surpresa descobrir que os *apparatchiks* do seu novo regime gostavam de ler e discutir a obra — a ponto de organizarem reuniões secretas surreais com este historiador inglês para falar sobre estadistas mortos duzentos anos atrás. Pútín e seus esbirros consideravam a queda da União Soviética e a perda do império uma das maiores catástrofes do século xx; o Krémelin voltou-se para Catarina e Potemkin como heróis improváveis, vendo suas conquistas no Cáucaso, na Crimeia e na Ucrânia como símbolos essenciais para o status da Rússia como grande potência.

Catarina e Potemkin foram relegados pela historiografia soviética como decadentes demais, aristocráticos demais, femininos demais. Quando comecei a fazer as pesquisas para este livro nos arquivos russos, em meados dos anos 1990, alguns documentos não tinham sequer sido estudados desde o reinado de Nicolau II. Agora voltaram à moda, servindo de inspiração para um novo regime que combina nostalgia imperial com ambição nacionalista: o Krémelin dos primeiros anos do século xxi fundiu num peculiar híbrido moderno o que havia de majestático e dourado no império dos Románov com a glória severa de uma superpotência stalinista.

Os novos ocupantes de altos cargos do governo, quase sempre treinados na elite da KGB, não estão nem um pouco interessados na cultura, no esclarecimento e na humanidade de Catarina e Potemkin, que nada têm a ver com seu autoritarismo intolerante. Mas estão interessados, *sim*, em sua herança autocrática e imperial, em especial no sul. O casal do século xviii e os novos donos do Krémelin têm em comum a crença no prestígio e na disciplina do Estado; na facilidade essencial da autocracia para governar a insubmissa Rússia; na visão do caráter excepcional da missão da civilização russa no mundo; e na ideia de que a Rússia não pode ser uma grande potência sem a Ucrânia e a Crimeia. Púchkin entendeu bem o que

Potemkin tinha conquistado para Catarina e para a Rússia: “A glória de um nome amado por sua imperatriz e por sua pátria [...] tocado pela mão da história, ele conquistou para nós o mar Negro”. As conquistas, as novas cidades e a frota de Potemkin explicam por que esse casal imperial é importante duzentos anos depois de sua morte.

Em 2008, o presidente Pútín foi à guerra contra a Geórgia para reafirmar a hegemonia russa. Em fevereiro de 2014, desafiou os avanços dos Estados Unidos e da União Europeia sobre uma Ucrânia independente usando unidades militares russas incógnitas, os misteriosos “homens de verde”, para ocupar e anexar, com êxito, a Crimeia — a primeira recuperação territorial da Rússia desde a desastrosa desintegração da União Soviética. A Crimeia tinha sido parte da Federação Russa na época soviética até que Stálin, num rompante de capricho imperial pouco antes de morrer, decidiu cedê-la à Ucrânia: seus sucessores a transferiram em 1954. Mas a região reteve seu significado militar, imperial e místico para os russos.

Essa viçosa península tinha sido o lugar onde Vladímir, o Grande, grão-príncipe de Kíev, se converteu ao cristianismo em 988, acontecimento citado por Potemkin em carta para Catarina na qual recomendava a anexação imediata da Crimeia, em 1783. Em 2014, Pútín declarou: “A Crimeia é tão sagrada para a Rússia quanto o Monte do Templo em Jerusalém é sagrado para o judaísmo e para o islã”. Depois desse êxito, Moscou lançou uma guerra secreta para enfraquecer a Ucrânia independente e separar a parte leste do país: a expressão “Nova Rússia” foi amplamente usada para descrevê-la, fazendo eco a Catarina e Potemkin. Essa guerra oportunista — ao custo de milhares de vidas inocentes, travada em segredo por unidades incógnitas do Exército russo e em público por aventureiros nacionalistas — foi lançada provavelmente para confirmar e estimular a convicção arcaica, embora popular, de que uma Rússia que domina a Ucrânia ainda é uma grande Rússia. Em 2015, a Rússia reafirmou seus tradicionais interesses no Oriente Médio, apoiando um velho regime parceiro seu na Síria com forças militares e sustentação política, repisando o rumo tomado pela primeira vez, ainda que com cautela, por Catarina na Síria otomana, e perseguido com mais afincio pelo tsar Nicolau I e depois pelos soviéticos durante a Guerra Fria. Num regime de um homem só, porém, essas políticas foram apropriadas pelo presidente Pútín, e seu êxito e resultado final dependem da sobrevivência dele e da natureza dos seus sucessores.

Catarina e Potemkin continuam sendo talvez os governantes mais adeptos do Iluminismo e do humanismo de que a Rússia já desfrutou — embora os pontos de comparação não sejam particularmente elevados. Brilhantes e imaginativos, tolerantes e magnânimos, apaixonados e excêntricos, extravagantes e epicurianos, trabalhadores e ambiciosos, eram personagens muito diferentes dos governantes atuais, filhos insensíveis da União Soviética. Apesar disso, estranhamente, eles são mais relevantes do que nunca no século XXI.

Simon Sebag Montefiore

Setembro de 2015

Agradecimentos

Ao longo de vários anos e de milhares de quilômetros, fui ajudado por muita gente, do casal de camponeses que cria abelhas no lugar onde Potemkin nasceu, perto de Smolensk, a professores, arquivistas e curadores de Petersburgo, Moscou e Paris a Varsóvia, Odessa e Iasi, na Romênia.

Minha maior dívida é com três notáveis especialistas. A inspiração para este livro veio de Isabel de Madariaga, professora emérita de Estudos Eslavos da Universidade de Londres e decana de história catariniana no Ocidente. Sua obra pioneira *Russia in the Age of Catherine the Great* [A Rússia na época de Catarina, a Grande] mudou o rumo dos estudos sobre Catarina. Ela também compreendeu o notável caráter de Potemkin e suas relações com a imperatriz, e declarou que ele precisava de um biógrafo. Além disso, ajudou com ideias, sugestões e conselhos ao longo do projeto. Acima de tudo, quero lhe agradecer por editar e corrigir este livro em sessões que ela conduziu com a divertida autoridade e o rigor intelectual da própria imperatriz, com quem se parece em muitos sentidos. Era sempre eu que saía exausto das sessões, e não ela. Devo a ela qualquer mérito que haja nesta obra; os disparates são inteiramente meus. Para mim é motivo de felicidade ter podido depositar uma coroa de flores em seu nome no esquecido túmulo de Potemkin em Kherson.

Devo agradecer também a Alexander B. Kamenskii, professor de Primórdios e Primórdios Modernos de História da Rússia, do Departamento de Humanida-

des da Universidade Estatal Russa de Moscou, e respeitada autoridade em Catarina, sem cujo saber, charme e ajuda prática este volume não teria sido escrito. Sou profundamente grato a V. S. Lopatin, cujo conhecimento dos arquivos é inigualável, e que foi generosíssimo com esse conhecimento: Lopatin e sua mulher Natasha foram muito hospitaleiros durante minhas estadias moscovitas. Ele também leu o livro e me proporcionou o benefício dos seus comentários.

Devo agradecer também ao professor J. T. Alexander por responder a minhas perguntas e ao professor Evgenii Anisimov, que tanto me ajudou durante o tempo que passei em Petersburgo. A assessoria de George F. Jewsbury sobre o desempenho militar de Potemkin foi muito esclarecedora. Obrigado ao professor Derek Beales, que muito me ajudou em questões relativas a José, especialmente o mistério das escravas circassianas. Devo mencionar que ele e o professor Tim Blanning, ambos de Sidney Sussex, Cambridge, foram os supervisores cujos fascinantes ensinamentos sobre o Despotismo Esclarecido, quando eu era estudante universitário, lançaram as bases deste livro. Quero ressaltar a minha dívida também com três obras recentes de que fiz amplo uso — *Ekaterina i Potemkin Lichnaya Perepiska*, de Lopatin, o já mencionado livro de Isabel de Madariaga, e *Catherine the Great*, de J. T. Alexander.

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas, sem as quais este livro não poderia ter sido escrito: Sua Alteza Real o Príncipe de Gales, por sua generosa ajuda em relação aos trabalhos de restauração de São Petersburgo e o Bicentenário de Púchkin. Sergei Degtiarev-Foster, esse defensor de história russa que tornou tudo possível de Moscou a Odessa, e Ion Florescu, que fez da expedição romeno-moldávia um grande êxito. Obrigado também a Lord Rothschild, ao professor Mikhail Piotrovski e a Geraldine Norman, chairman, presidente e diretora do Hermitage Development Trust, que estão organizando uma exposição permanente dos tesouros de Catarina, a Grande, incluindo o famoso retrato de Potemkin, de autoria de Lampin, na Somerset House em Londres.

Tenho uma dívida de gratidão com Lord Brabourne por ler o livro inteiro e, por lerem partes dele, com a dra. Amanda Foreman, Flora Fraser e especialmente com Andrew Roberts, por seus minuciosos pareceres e incentivo. William Hanham leu as seções sobre arte, o professor John Klier leu as seções judaicas e Adam Zamoyski leu as seções sobre a Polônia.

Em Moscou, agradeço aos diretores e equipe dos arquivos de RGADA e RGVIA; Natasha Bolotina, com seu conhecimento especial sobre Potemkin, a mãe dela Svetlana Romanovna, Igor Fedyukin, Dmitri Feldman e Julia Tourchaninova e Ernst Goussinski, professores de Educação, todos ajudaram imensamente. Galina Moiseenko, uma das mais brilhantes especialistas do Departamento de História da Universidade Estatal Russa de Humanidades, foi excelente na seleção e localização de documentos, e sua análise e precisão históricas foram impecáveis.

Obrigado às seguintes pessoas. Em São Petersburgo, agradeço a minha amiga professora Zoia Belyakova, que tornou tudo possível, e ao dr. Sergei Kuznetsov, chefe de Pesquisa Histórica do Departamento do Palácio Stróganov do Museu Estatal Russo, e à equipe da RGIA. Sou grato ao professor Mikhail Piotrovsky, diretor do Museu Estatal Hermitage (novamente), a Vladimir Gesev, diretor do Museu Estatal Russo do Palácio Mikhailovski; Liudmilla Kurenkova, assistente do diretor do Museu Estatal Russo, A. N. Gusanov, do Museu Estatal do Palácio Pavlovsk; dra. Elana V. Karpova, chefe do Departamento de Escultura dos Séculos XVIII- -começo do XX do Museu Estatal Russo, Maria P. Garnova, do Departamento da Europa Ocidental do Hermitage, e G. Komelova, também do Hermitage. Ina Lokotnikova me mostrou o Palácio Anichkov e L. D. Diyacheko teve a bondade de me levar para uma visita privada, usando seu exaustivo conhecimento, ao Palácio de Táurida. Obrigado a Leonid Bogdanov por tirar a foto de capa de Potemkin.

Em Smolensk: Anastasia Tikhonova, pesquisadora do Museu Histórico de Smolensk, Elena Samolubova e Vladimir Golitchev, vice-chefe do Departamento Regional de Educação de Smolensk, responsável por Ciência. Em Tchijovo, o professor e especialista em folclore local Victor Zheludov, e equipe da escola de Petrishchevo, a aldeia mais próxima de Tchijovo, com agradecimentos pelo banquete Potemkin que amavelmente prepararam.

Pela viagem ao sul da Ucrânia, agradeço a Vitaly Serfeichi, da transportadora UKMAR, e Misha Sherokov. Em Odessa: Natalia Kotova, professor Semyon J. Apartov, professor de Estudos Internacionais, Universidade Estatal de Odessa. No Museu de História Regional de Odessa — Leonila A. Leschinskaya, diretora, Vera V. Solodova, vice-diretora, e especialmente ao bem informado e gracioso mestre dos próprios arquivos, Adolf Nikoláievitch Malikh, chefe da seção Felikieteriya, que tanto me ajudou. Ao diretor do Museu de Frota Mercante de Odessa, Pedro P. Klishevsky, e ao fotógrafo Sergei D. Bereninich. Em Ochakov: ao prefeito, Yuri M. Ishenko. Em Kherson: padre Anatóli da igreja de Santa Catarina. Em Dniepro-

petrovsk: Olga Pitsik e as equipes dos museus de Nikoláiev e Simferopol; Anastas Victorevitch, do Museu Naval de Sebastópolis. Mas acima de tudo, no Palácio Alupka, Anna Abramovna Galitchenko, autora de *Alupka, um palácio dentro de um parque*, mostrou-se um manancial de conhecimentos.

Na Romênia, obrigado a Razvan Magureanu, professor de Engenharia Elétrica da Universidade Politécnica de Bucareste, e Ioan Vorobet, que nos levou de carro a Iasi, nos protegeu e tornou possível nossa entrada na Moldávia. Em Iasi: professor Fanica Ungureanu, autoridade a respeito do mosteiro Golia, e Alexander Ungureanu, professor de geografia da Universidade de Iasi, sem cuja ajuda eu não teria encontrado o lugar da morte de Potemkin. Em Varsóvia, Polônia: Peter Marty e Arkadiusz Bautz-Bentkowski e a equipe da AGAD. Em Paris, à equipe da AAE no Quai d'Orsay. Karen Blank pesquisou e traduziu textos alemães. Imanol Galfarsoro traduziu do espanhol o diário de Miranda. Em Telavi, Geórgia: Levan Gachechiladze, que me apresentou a Lida Potemkina.

Na Grã-Bretanha, sou grato a muita gente por coisas grandes e pequenas: minha agente Georgina Capel, presidente da Orion, Anthony Cheetham, o editor de Weidenfeld & Nicolson, Ion Trewin e Lord e Lady Weidenfeld. Obrigado a John Gilkes por criar os mapas. Muitos agradecimentos são devidos a Peter James, meu legendário editor, por aplicar sua sabedoria a este livro. A equipe da Biblioteca Britânica, do Museu Britânico, do Public Records Office, da Biblioteca de Londres, da Biblioteca da Escola de Estudos de Europa Oriental e Eslavos, a Cornwall and Winchester Records Offices e ao Antony Estate. Agradeço ao meu pai, dr. Stephen Sebag Montefiore, médico, por seu diagnóstico da doença e da psicologia singular de Potemkin, e a minha mãe, April Sebag Montefiore, por seus palpites sobre as relações pessoais de Potemkin. Devo um muito obrigado especial a Galina Oleksiuk, minha professora de russo, sem cujas aulas este livro não poderia ter sido escrito. Quero agradecer também às seguintes pessoas pela ajuda e por suas amáveis respostas às minhas perguntas: Neal Ascherson, Vadim Benyatov, James Blount, Alain de Botton, dr. John Casei, o ilustre L. H. L. (Tim) Cohen, professor Anthony Cross, Sir Edward Dashwood, Ingelborga Dapkunaite, barão Robert Dimsdale, professor Christopher Dyff, Lisa Fine, princesa Katya Golitsyn, príncipe Emmanuel Golitsyn, Dabid Henshaw, professor Lindsey Hughes, Tania Illingworth, Anna Joukovskaya, Paul e Safinaz Jones, Dmitri Khankin, professor Roderick E. McGrew, Giles MacDonogh, Noel Malcolm, o conde de Malmesbury, Neil McKentrick, o mestre de Gonville & Caius College, Cambridge, dr. Philip Mansel,

Sergei Alexandrovitch Medvedev, Charles e Patty Palmer-Tomkinson, dr. Monro Price, Anna Reid, Kenneth Rose, a ilustre Olga Polizzi, Hywel Williams, Andre Zaluski. O crédito por estas joias de conhecimento lhes pertence; a culpa de qualquer erro é inteiramente minha.

Por último, mas não menos importante, devo agradecer a minha mulher, Santa, por suportar nosso ménage-à-trois com o príncipe Potemkin por tanto tempo.

Nota preliminar

As datas são informadas no antigo calendário juliano, usado na Rússia, que estava onze dias à frente do novo calendário gregoriano, usado no Ocidente. Em alguns casos, aparecem as duas datas.

Dinheiro: 1 rublo continha 100 copeques. Aproximadamente 4 rublos = 1 libra esterlina = 24 libras francesas na década de 1780. Naquela época, um gentleman inglês podia viver bem com trezentas libras esterlinas por ano, um oficial russo com mil rublos.

Distâncias e medidas: 1 versta era igual a 0,663 milha ou 1,06 quilômetro. 1 deciatina equivalia a 2,7 acres, ou 1,09 hectare.

Nomes e nomes próprios: Usei a forma mais reconhecível da maioria dos nomes, o que significa que a coerência absoluta é impossível nessa questão — por isso peço desculpas antecipadamente àqueles que se sentirem ofendidos com minhas decisões. O assunto deste livro é Potemkin, embora em russo a pronúncia esteja mais perto de “Patiomkin”. Usei a forma russa de nomes, exceto nos casos em que o nome já é bem conhecido em sua tradução; por exemplo, o tsarévitch Pável Petróvitch é geralmente conhecido como grão-duque Paulo; a imperatriz é Catarina, e não Iekaterina. Em geral escrevo prenomes traduzidos, Pedro em vez de Piotr e assim por diante. Usei a forma feminina russa de nomes, como Dáchkova em vez de Dáchkov. Em nomes poloneses, como Branicki, usei a forma mais

polonesa, cuja pronúncia é “Branitski”. Assim, no feminino, empreguei a forma russa em Scavrónskaia, mas a polonesa em Branicka. Quando alguém passa a ser conhecido por um sufixo ou título, tento usá-lo, por isso A. G. Orlov é Orlov-Tchésmenski a partir do momento em que recebe esse sobrenome.

Prólogo

Morte nas estepes

“Príncipe dos Príncipes.”

Jeremy Bentham sobre o príncipe Potemkin

De quem é cama — a terra: de quem é teto — o azul-celeste

De quem são salões o ermo em torno?

Não és o filho da fama e do prazer

Oh, esplêndido príncipe da Crimeia?

Não foste tu das alturas da honra

Subitamente jogado no vazio das estepes?

Gavril Derjavin, *A queda-d'água*

Pouco depois do meio-dia de 5 de outubro de 1791, uma lenta fila de carruagens, servidas por lacaios de libré e um esquadrão de cossacos com a farda da Hoste do Mar Negro, deteve-se numa estradinha de terra, numa desolada encosta no meio da estepe bessarábia. Era um lugar estranho para o séquito de um grande homem descansar: não havia taverna à vista, nem sequer um casebre de campônês. A grande carruagem-dormitório, puxada por oito cavalos, foi a primeira a parar. As outras — ao todo eram provavelmente quatro — diminuíram a velocidade e pararam ao lado da primeira sobre a relva, enquanto os lacaios e a escolta

de cavalaria se apressavam para ver o que se passava. Os passageiros abriram as portas de suas carruagens. Ao ouvirem o desespero do senhor, dirigiram-se às pressas para a sua carruagem.

“Chega!”, disse o príncipe Potemkin. “Chega! Não faz sentido continuar.” Dentro da carruagem-dormitório, havia três médicos aflitos e uma esbelta condessa, de maçãs salientes e cabelos castanho-avermelhados, todos em volta do príncipe. Ele suava e gemia. Os médicos chamaram os cossacos para remover o paciente. “Tirem-me da carruagem...”, instruiu Potemkin. Todo mundo entrava logo em ação quando a uma ordem sua, e ele tinha mandado em praticamente tudo na Rússia por muito tempo. Cossacos e generais se amontoaram em volta da porta aberta, e lenta e suavemente começaram a carregar para fora o gigante ferido.

A condessa o acompanhava de perto, segurando sua mão, molhando sua testa quente enquanto as lágrimas lhe corriam pela face de pequeno nariz arrebitado e boca de lábios cheios. Dois camponeses moldávios que cuidavam do gado na estepe vizinha aproximaram-se a passo lento para observar. Os pés descalços apareceram primeiro, depois as pernas e o roupão meio aberto — embora esta cena não fosse inusitada. Potemkin era conhecido por receber imperatrizes e embaixadores descalço e de roupão aberto. Mas agora era diferente. Ele ainda tinha a leonina beleza eslava, a basta cabeleira, em outros tempos considerada a mais bela do Império, e o sensual perfil grego, que lhe valera o apelido de “Alcibíades” quando jovem.¹ No entanto, o cabelo já estava salpicado de branco e caía sobre sua testa febril. Ainda era um gigante, em estatura e em largura. Tudo nele era exagerado, colossal e original, mas a vida de indulgência desmedida e ambição implacável havia inchado seu corpo e envelhecido seu rosto. Como um ciclope, só tinha um olho; o outro era cego e estropiado, o que lhe dava uma aparência de pirata. O peito era largo e peludo. Sempre uma força da natureza, ele agora parecia, acima de tudo, um magnífico animal reduzido a um trêmulo e contorcido monte de carne.

Aquela aparição ali na estepe bravia era Sua Sereníssima Alteza o Príncipe do Sacro Império Romano Grigóri Alexándrovitch Potemkin, provavelmente marido da imperatriz da Rússia, Catarina, a Grande, e certamente o amor da sua vida, o seu melhor amigo, o cogovernante do seu Império e o parceiro dos seus sonhos. Era príncipe de Táurida, marechal de campo, comandante em chefe do Exército russo, grande atamã dos Cossacos do Mar Negro e de Ekaterinoslav, grande almirante das Frotas do Mar Negro e do Cáspio, presidente da Escola de Guerra, vice-

-rei do sul e possivelmente o próximo rei da Polônia, ou de qualquer outro principado que ele mesmo criara.

O príncipe, ou Sereníssimo, como era conhecido em todo o Império Russo, tinha governado ao lado de Catarina II durante quase duas décadas. Conheceram-se durante trinta anos e compartilharam a vida por quase vinte. Fora isso, o príncipe desafiava, e ainda desafia, qualquer categorização. Catarina notou sua existência quando ele era um rapaz espirituoso e tomou-o como amante numa época de crise. Quando o caso amoroso terminou, ele continuou amigo, parceiro e ministro dela, tornando-se seu co-tsar. Ela sempre o temeu, respeitou e amou — mas era uma relação tempestuosa. Chamava-o de “Colosso”, seu “tigre”, seu “ídolo”, “herói”, o “maior de todos os excêntricos”.² Foi o “gênio”³ que ampliou imensamente o império, criando a Frota do Mar Negro da Rússia, conquistando a Crimeia, vencendo a Segunda Guerra Turca e fundando cidades célebres, como Sebastópol e Odessa. A Rússia não tivera um estadista imperial tão bem-sucedido, tanto em sonhos como em feitos, desde Pedro, o Grande.

O Sereníssimo formulava suas próprias políticas — às vezes inspiradas, outras vezes quixotescas — e construiu seu próprio mundo. Embora seu poder dependesse da parceria com Catarina, ele pensava e agia como uma das potências soberanas da Europa. Potemkin deslumbrava seus gabinetes e suas cortes pelas proezas titânicas, pela erudição e pelo gosto refinado, ao mesmo tempo que os escandalizava pela arrogância e devassidão, pela indolência e pelo luxo. Apesar de o odiarem por seu poder e inconsistência, até os inimigos louvavam sua inteligência e criatividade.

Agora esse príncipe descalço andava meio cambaleando — e meio carregado por seus cossacos — pela relva. Era um lugar remoto e espetacular, que não ficava sequer na estrada principal entre Jassy, na Romênia atual, e Kischnev, hoje na República da Moldávia. Naqueles tempos, era território do sultão otomano, conquistado por Potemkin. Ainda hoje é difícil de encontrar, mas em duzentos anos não mudou praticamente nada.⁴ O lugar onde deitaram Potemkin era um pequeno planalto, ao lado de uma inclinada estrada de pedra, de onde se podia ver longe em todas as direções. O campo à direita era um vale verde ondulante, que se elevava na distância numa infinidade de montículos verdes, espessos, coberto pelo capim alto, hoje praticamente desaparecido, das estepes. À esquerda, montes cobertos de floresta sumiam na névoa. Bem em frente, a comitiva de Potemkin teria visto a estradinha descer e subir até um morro mais alto, coberto de árvores escu-